



O SOL DA MANHÃ...
Memórias de minha família

José Eugenio Guisard Ferraz

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

O SOL DA MANHÃ...

Memórias de minha família



O SOL DA MANHÃ...

Memórias de minha família

José Eugenio Guisard Ferraz

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© José Eugenio Guisard Ferraz

Editora Executiva: **Cassia Oliveira**

Revisão: **Lucia Armenio Leal**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Ferraz, José Eugenio Guisard

O sol da manhã... : memórias de minha família / José Eugenio Guisard Ferraz.

– Sorocaba : Recanto das Letras, 2018.

232 p. : il., color.

Bibliografia

ISBN: 978-85-7142-003-8

1. Guisard, Família - História 2. Mallet Caillaud, Família - História
3. Genealogia 4. França - História 5. Brasil - História 6. Taubaté, SP -
História I. Título

18-1802

CDD 929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Genealogia

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

editorarecantodasletras.com.br

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Dedicatória

Dedico este livro à minha mãe, Ivonne, exemplo de dignidade e honradez que procurei seguir em minha vida e, também, para Manuela, minha neta que, vindo ao mundo, deu-me a motivação necessária para escrevê-lo.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a paciência e o apoio de minha esposa Mireille, que permaneceu a meu lado durante as muitas horas que dediquei a esse livro.

Quero agradecer especialmente o auxílio inestimável de José Carlos Sebe Bom Meihy, que não só leu e comentou meu manuscrito, mas também me incentivou a produzir um texto bem melhor do que eu tinha imaginado ser capaz.

Muitas pessoas me ajudaram na colheita de informações e imagens, entre elas devo destacar Maria Cecília Guisard Audrá, autora do livro “Felix Guisard — Olhando o Passado”; “in memoriam” Oswaldo Barbosa Guisard, com seu livro “Taubaté no Aflorar do Século”; meus primos Isa Barros, Sonia Guisard, Eduardo Guisard Aguiar e Angela Brun; a família Sales, Sylvio e Dulce Mraz, Elena e Eda, Ivan, Eliana, Patrícia, Marina, Licínia, Ila, Renato, Cláudio de Biasi e muitos outros. Agradeço, muito especialmente, à minha irmã Maria Silvia.

Destaco também a participação de Shirley Aparecida Santos, do Museu da Imagem e do Som de Taubaté — MISTAU, da Área de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Taubaté, por sua atenção e valioso auxílio com as fotografias. Particular atenção também para os sites que ajudam a manter viva a memória de Taubaté, como o “Resgatando Taubaté. Ontem, Hoje e Sempre” com Luiz Issa e Adriano Araujo; “Taubaté das Antigas” com Flávio Marques Silva e outros; e os editores do “Almanaque Urupês”.

Finalmente, meu agradecimento a Cássia Oliveira e à equipe da Editora Recanto das Letras, pelo seu profissionalismo e cordialidade.

Sumário

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	17
PARTE 1 - FRANÇA	19
O SOL DA MANHÃ.....	21
A REGIÃO DE AUXERRE.....	22
PRIMÓRDIOS DE AUXERRE.....	25
A ORIGEM DO NOME GUIARD	27
A CISÃO NO CRISTIANISMO — O PROTESTANTISMO.....	29
A FAMÍLIA GUISE — DEFENSORA DO CATOLICISMO	30
DUAS RUAS FRANCESAS	31
OS PARENTES PRÓXIMOS DE JEAN LOUIS GUIARD	33
O DISTANTE BRASIL.....	35
A FRANÇA EM MEADOS DO SÉCULO XIX	37
A JUVENTUDE DE LOUIS FELIX	39
A AVENTURA NOS TRÓPICOS — A GRANDE VIAGEM.....	41
A FRANÇA EM EBULIÇÃO — OS VENTOS DA POLÍTICA	42
O DOMÍNIO DE LUÍS NAPOLEÃO — O NAPOLEÃO III.....	45
A AVENTURA DA FAMÍLIA CAILLAUD	49
A ORIGEM NOBRE DOS MALLET	50
UMA BREVE PASSAGEM PELA ORIGEM DA EUROPA.....	51
O DOMÍNIO DOS FRANCOS	54
QUANDO OS VIKINGS ENTRAM EM CENA.....	56
A INVASÃO DA GRÃ BRETANHA	60

GUILLAUME DE MALLET — UM NOBRE DE DOIS PAÍSES.....	61
DE COMO VICTOR HUGO ENTROU EM NOSSA HISTÓRIA.....	62
A FUGA DA FAMÍLIA CAILLAUD.....	64

PARTE 2 - BRASIL: RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS 67

O PROJETO DE COLONIZAÇÃO DO VALE DO RIO MUCURI.....	69
LOUIS FELIX PROSEGUE PARA O RIO DE JANEIRO.....	72
O BRASIL NA CHEGADA DE LOUIS FELIX.....	73
O REINADO DE DOM PEDRO II.....	77
A PROSPERIDADE E O DECLÍNIO DE DOM PEDRO II.....	79
O EXÍLIO DA FAMÍLIA IMPERIAL.....	83
RIO DE JANEIRO E A RUA DO OUVIDOR.....	85
A REVOLUÇÃO FRANCESA.....	87
NAPOLEÃO BONAPARTE.....	90
A BEM SUCEDIDA INVASÃO FRANCESA.....	93
LOUIS FELIX PARTE PARA AS MINAS GERAIS.....	95
A FAMÍLIA FELÍCIO DOS SANTOS.....	96
REENCONTRO.....	96
OS TRABALHOS DA FAMÍLIA EM TERRAS MINEIRAS.....	97
A UNIÃO DE LOUIS FELIX COM AMELIE.....	99
O DESTINO MUDANDO OS RUMOS DA FAMÍLIA.....	100
UMA NOVA ÁREA DE TRABALHO — A TECELAGEM.....	101
O ENCONTRO COM UMA NOVA FAMÍLIA DE FRANCESES.....	103
A UNIÃO DE FELIX GUIARD COM JEANNE ROSAND.....	104

PARTE 3 - BRASIL: TAUBATÉ..... 107

O EMPRESÁRIO FELIX E A MUDANÇA PARA TAUBATÉ.....	109
AS FERROVIAS NO EIXO RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO.....	110
TAUBATÉ NO FINAL DO SÉCULO XIX.....	113

A FERROVIA DE UBATUBA E O BANCO POPULAR DE TAUBATÉ	119
A FUNDAÇÃO DA COMPANHIA TAUBATÉ INDUSTRIAL	121
OS IRMÃOS DE FELIX.....	124
O INÍCIO DA COMPANHIA TAUBATÉ INDUSTRIAL	128
OS PRIMEIROS PASSOS DA MONTAGEM DA FÁBRICA	130
A PARTICIPAÇÃO DOS INGLESES NO CAPITAL DA C.T.I.....	132
A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	134
A CHEGADA DE GETÚLIO VARGAS AO PODER	137
A TRAJETÓRIA DO JOVEM EUGENIO.....	139
A FAMÍLIA NOGUEIRA BARBOSA.....	142
OS TEMPOS DE PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA.....	144
A FUNDAÇÃO DO ESPORTE CLUBE TAUBATÉ	148
A FAMÍLIA QUERIDO.....	151
AS TENDÊNCIAS POLÍTICAS DE EUGENIO	159
A SEPARAÇÃO ENTRE EUGENIO E SEU IRMÃO FELIX.....	161
A VOLTA DE EUGENIO E FAMÍLIA PARA TAUBATÉ	161
OS FILHOS DE EUGENIO	164
VICTOR BARBOSA GUIARD	165
OSWALDO BARBOSA GUIARD.....	167
JAURES BARBOSA GUIARD	170
OLAVO BARBOSA GUIARD	173
AS FILHAS DE EUGENIO GUIARD	176
IVONNE E DARCY VIEIRA FERAZ.....	181
O CENTRO CULTURAL BRASIL — ESTADOS UNIDOS.....	190
A MATURIDADE DA C.T.I. E AS AÇÕES DE FELIX.....	193
A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	199
AS CONTAS DA C.T.I. AO FINAL DE 1941.....	201
O FALECIMENTO DE FELIX GUIARD.....	203
OS ÚLTIMOS DIAS DE EUGENIO.....	205

CONCLUSÃO	208
ANEXO - ÁRVORES GENEALÓGICAS.....	211
BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS.....	227

Prefácio

Todo livro merece ser celebrado como bênção de um belo *Sol da Manhã*. Este, contudo, além da luz matinal, deve ser percebido também nas noites que guardam sonhos bons. Entre o brilho do dia e a escuridão noturna, o que se tem é uma vontade de histórias que não podem mais ficar presas nas conversas de encontros saudosos, encerradas no círculo doméstico. É verdade que o tema é íntimo, mas trata também daquelas falas que deixam de ser caseiras, ganham sentido coletivo e esparramam-se pela coletividade. E não se trata de qualquer história, mas sim de um enredo escrito pelo afeto de quem se prontificou a respirar o passado da própria família, e presenteá-lo aos leitores, principalmente para aqueles que se veem provocados pelo entendimento do meio que nos implica.

O autor, por ofício, não é do ramo da escrita afeita ao pretérito. Homem de números e exatidões científicas, José Eugênio Guisard Ferraz, com audaciosa sensibilidade, conduz-nos a uma legenda que só ele poderia decodificar. Vendo-se como resultado de uma trama espetacular, retrazendo caminhos atropelados pelo direito a um lugar social desejável, articulando detalhes surdos, o amigo Zé Eugênio perfez um mapa incrível. Juntou dados, encontrou imagens alusivas a fatos, depurou passagens pouco conhecidas e amarrou tudo em um livro que não é biografia, não é História no sentido convencional e, ao mesmo tempo, é um libelo explicativo de um momento na trajetória de uma família que nos explica, enquanto tecido social de uma cidade, que, por sua vez, constela todo o Vale do Paraíba. Há algo de épico no esforço narrativo incontido e envolvente.

Este é um livro de desejo, não de técnica ou manejo profissional da História. Talvez aí, diga-se, resida a maior virtude do empenho que faz brilhar *O Sol da Manhã*. Não se encontram aqui laivos metodológicos, periodizações explicativas de momentos capitais da História do Mundo, seriações documentais rigorosas, nem mesmo hipóteses de trabalho que conduzam a conclusões mirabolantes. No lugar, sobram buscas resolvi-

das no encadeamento de lances pinçados de diferentes fontes, referenciados ao sabor das possibilidades, sempre filtradas pelo olhar guia de quem se autoriza contador. A fome de saber dos roteiros retraçados é saciada por mágica poção que sustenta uma narrativa clara e enxuta, que produz a roupagem familiar que vestiu gerações em lugares, países, continentes. E que chegou imponente a um espaço de onde quer e pode ser vista.

O interesse pela origem remota da própria família Guisard faz supor uma contextura de alternativas que se perderia na distância, não fosse o tino autoral de quem se viu capaz de juntar detalhes soltos. Uma bússola marcadora da chegada fez vigorar o sentido do presente em uma cidade empobrecida do som de suas muito ricas histórias. E tudo alinhavado por situações intrigantes, pormenores atraentes, informações curiosas. Sem faltar respeito às imposições econômicas ou aos motivos comerciais que moviam os imigrantes, as forjas amorosas são moldadas de maneira a esculpir um espectro humanizado e idílico, repontado de afetos, paixões, unidade familiar.

Por traz de tudo, um magnífico e inexorável projeto familiar. Transmitido de geração a geração, nos furos dos pactos estabelecidos no mundo das palavras interditas, no território da memória subjetiva e invisível, o que se estabelecia era uma certeza de metas nem sempre apreciadas no nível da consciência. A família Guisard mostra-se sim como um conjunto de vencedores, mas isso fica muito longe da facilidade da conquista. Muitos meandros foram contornados, mais do que se pode medir pelos resultados hoje ostentados em nomes de ruas, monumentos, escolas. Conhecer tais andanças implica trocar a metáfora da raiz que se afunda no chão, pela do rizoma que se multiplica alhures, visitando outros territórios. A raiz fixa. O rizoma alastra-se. Alastra-se e, na surdina do solo progride em plantas, flores e frutos. Conquista, no silêncio de sinas surdas.

Há outra metáfora que serve de filtro para essa aventura: a viagem. A nascente da família Guisard, suas metamorfoses, explicadas na peripécia e no afeto conjunto, dão sentido a uma legenda que trança risco, coragem, determinação. Sobretudo determinação. E andanças também.

Certamente, apenas alguém que entendeu a necessidade do movimento imigratório pode navegar na vastidão do tempo, atravessar mares e fazer lugares buscados em sonhos. Diria que o presente texto tem três momentos de respiração: as nascentes familiares, a definição brasileira do périplo parental e a realização em Taubaté. Pois sim, Taubaté, mas não a velha urbe, a renovada, modernizada exatamente pela ação intrépida do grupo que a recolocou diferente, pioneira mesmo, no circuito de um Brasil pós-colonial.

Pelas linhas propostas pelo autor, depreende-se o sentido da luta da família Guisard. Destacada na região do Vale do Paraíba Paulista, fica evidente o papel diferenciador que assumiu, na surdina de quantos tinham noção do que faziam. Situada em área agrícola, por séculos cafeeira e escravocrata, os locais foram sutilmente se estabelecendo em meio aos valores tradicionais do cosmo fazendário. Ao longo do século XIX, Taubaté era mero vilarejo de passagem, cidade sem função outra que não fosse a religiosa ou de trocas miúdas, entreposto de trocas, quase escambo. As poucas — pouquíssimas — casas abastadas, propriedade de fazendeiros, está longe de corresponder ao lustro pretendido por uma historiografia fantasiosa, cabocla e falsa. Fartas eram as fazendas, e dinâmicas as tropas que ligavam os polos de produção aos portos. A alegoria expressa por Monteiro Lobato, sobre as “cidades mortas”, é ilusória e arremedada, historicamente pífia. É exatamente, no desfazer dessas interpretações vaidosas que a família Guisard serve de motivo.

De costas para um mundinho apregoador de pobrezas e dependências de cheiros avassalados, um grupo de feições ousadas, de respiros industriais, ousava pensar um Brasil coerente com os avanços resultantes da longa Revolução Industrial. E a cidade precisava, para tanto, se fazer cena e cenário. E como foi minucioso, no meio do nada, inventar uma classe trabalhadora, pensar vilas operárias, imaginar educação escolar para filhos de tecelões... E tudo tinha cheiro de novidade, de inspiração idílica de quantos sonharam não mais um vilarejo calcado nos moldes quintais lusitanos, e sim na plantação de cidades vivas, fermentadas por operários, assistência humanitária do trabalho e, enfim, vida...

Definidos como imigrantes franceses, a atuação daquele punhado de valentes vindos para o Brasil se inscrevia em uma proposta diferenciada da agrícola ou camponesa. Guardando o prestígio de Paris como emblema de uma cultura de vocação urbana, os Guisard atuaram na nascente indústria têxtil nacional. Sobretudo, intrépidos foram artífices de um campo novo da vida econômica do país, em particular no período pós-escravista, depois da Proclamação da República, na década de 1890. Foi quando Taubaté mostrou-se lócus aberto a empreendimentos ousados, município capaz de oferecer numerosa mão de obra disponível. Foi esse arrojo modernizador, industrial, que deu aos Guisard garantia de destaque.

É lógico que a coleção de atos decorrentes desse projeto custou muito, e não apenas no setor comercial, superando crises. A adaptação do clã ao meio conferiu hostilidades, em particular no âmbito religioso, pois o ambiente católico impunha rejeições às práticas espiritualistas. Visto como mais que simples detalhe, tal entrave exercitava estratégias de uma família que soube reagir e que, com artifícios sábios, propôs a naturalidade de casamentos entre si. Há todo um ritual constituído na surdina dos dias que, por fim, foram se tornando mais porosos, permitindo a redefinição da saga como um todo.

Minhas palavras finais são de gratidão. Ter acompanhado a redação final deste trabalho foi-me presente fino, brinde que divido com os leitores que, certamente, comigo abraçarão o amigo e sua família toda. *Que brilhe o Sol da Manhã...*

José Carlos Sebe Bom Meihy

Introdução

Devo avisar a todos, logo de início, que escrevi este texto para minha própria satisfação. Meu interesse é deixar registrado o que aprendi sobre a história de minha família, dentro do contexto histórico e geográfico dos dois países da nossa trajetória — França e Brasil. Um aprendizado que teve como início as conversas que mantive com meus familiares, acrescido pelo estudo das condições em que meus antepassados viveram no velho e no novo mundo.

Minha expectativa inicial com esse trabalho era singela; simplesmente não queria que esta coletânea de informações, alinhadas pelo fio condutor de minha memória sobre a família, ficasse perdida numa gaveta qualquer. Agora, editado e publicado, espero que meus amigos e minha família, particularmente meus filhos e minha neta, venham a lê-lo. Se outros leitores houver, muito melhor.

A ideia de produzir este escrito nasceu numa daquelas tardes de domingo em que não se tem muito a fazer, na espera da segunda-feira. Aqueles momentos lentos e sonolentos, de uma inércia melancólica, geraram ideias. Nasceu, assim, de repente, sem que eu tivesse me preparado, sequer almejado, ser escritor. Escrevi, no entanto, provavelmente sem talento para tal, e a redação obedeceu a impulsos, tanto é que devo ter falhado em dar crédito a todas as fontes que me inspiraram e de onde tirei informações e imagens. No mais, que tudo o que existir de errado seja visto como uma licença poética ao autor, ou como simplesmente um fruto das minhas limitações.

Amém...

O SOL DA MANHÃ não é uma biografia, muito menos um livro de História. Ele é, na verdade, uma agradável surpresa. Esta saga, narrada de modo leve e minucioso, leva-nos a percorrer longo caminho: começa na França e, após oferecer importantes informações sobre diversos períodos daquele país, chega ao Brasil. Como é interessante rememorar tantos fatos históricos de nosso país!

Ele nos conduz através de meandros de sua família e, após caminharmos juntos no desenrolar de tantas vidas, parece-nos conhecer e respeitar cada um de seus membros.

Inesquecíveis personagens! Todos gostaríamos de ter estado a seu lado nos momentos de dissabor e de glória. Tão desbravadores, tão destemidos e, tão humanos. Enfrentando o desconhecido, lutando por justiça, sofrendo suas dores...

O Autor enriquece-nos a cada novo capítulo. Falamos de amizade, de amor, de solidariedade, paciência e determinação. É difícil saber se o que mais embeleza a narrativa deve-se ao escritor, visto que escreve muito bem, ou aos fatos aqui narrados, ricos, cativantes, fazendo com que queiramos ler cada página, com prazer renovado.

